

O CONSELHEIRO ACÁCIO NAS PÁGINAS DE TRÊS JORNAIS CARIOCAS¹

THE CONSELHEIRO ACACIO
IN THE THREE NEWSPAPERS IN RIO DE JANEIRO

Giuliano Lellis Ito Santos

Doutor em Letras pela Universidade
de São Paulo.

1 Este texto foi apresentado no âmbito do projeto de investigação “Figuras de ficção” (<https://www.uc.pt/fluc/clp/inv/proj/teolit/figfic>), coordenado por Carlos Reis, em 24 de novembro de 2018. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo: *O primo Basílio* é um romance que possui grande entrada na cultura brasileira. Seu personagem mais típico, o Conselheiro Acácio, é um dos responsáveis pela sobrevivência do romance em nosso imaginário. Com esse cenário, buscamos entender, através de três veículos de imprensa – *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz* –, como se dá a figuração e a refiguração dessa personagem. A partir de um levantamento dos termos “Conselheiro Acácio” e “acaciano”, fizemos a tabulação dos dados e sua análise para mapear os usos desses termos. Assim, pudemos verificar como se deu a autonomização da personagem nesses jornais cariocas.

Palavras-chave: Eça de Queirós, imprensa carioca, personagem, figuração, Conselheiro Acácio.

Abstract: The cousin Basílio is a novel that has great entry into Brazilian culture. His most typical character, Conselheiro Acácio, is one of those responsible for the survival of the novel in our imagination. With this scenario, we seek to understand, through three press vehicles - *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias* and *O Paiz* -, how this character's figuration and refiguration takes place. Based on a survey of the terms "Conselheiro Acácio" and "acaciano", we tabulated the data and analyzed it to map the uses of these terms. Thus, we were able to verify how the character's autonomization took place in these newspapers in Rio de Janeiro.

Keywords: *Eça de Queiros*, press, character, figuration, Conselheiro Acacio.

1. Conselheiro Acácio e a figuração da personagem

O Conselheiro Acácio é uma personagem bastante conhecida da galeria queirosiana, talvez até mesmo a mais conhecida. Essa característica é central para nossa análise, que se propõe verificar a sobrevida dessa personagem em três jornais cariocas – *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz* – entre 1878, ano de lançamento de *O primo Basílio*, e a década de 1950, período em que se encerram as edições da *Gazeta de Notícias*, disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, cujo último número é datado de 30 de dezembro de 1956.

A caracterização de que Acácio seja “símbolo de vacuidade, do convencionalismo, da respeitabilidade burguesa” (MATOS, 1988, p. 26), como lemos na descrição presente no *Dicionário Eça de Queiroz*, dá uma boa ideia de sua figuração. Lido como um tipo, ele é identificado com o formalismo oficial, “base de uma cumplicidade [do leitor] com o romancista” (REIS, 2018, p. 31).

O Conselheiro Acácio acabou por promover um amplo reconhecimento por parte dos leitores do período aqui abordado, o que possibilitou sua projeção na vida cotidiana. Nesse sentido, levando em conta a proposição de Ofélia Paiva Monteiro dos parâmetros para avaliação da personagem, nosso texto irá se debruçar sobre o último parâmetro destacado: “O impacto cultural e a *sobrevida* da personagem” (MON-

TEIRO, 2015). Contudo, não podemos desprezar os procedimentos de constituição da personagem, pois é imprescindível ter em conta que “as pessoas inscrevem-se na ficção como personagens dependentes de específicos modos de *figuração*” (REIS, 2005, p. 132). Então, ao verificarmos como o Conselheiro Acácio surge na imprensa periódica carioca, estaremos consequentemente revisitando sua *figuração* romanesca. Assim, proponho algumas questões que devem guiar essa análise:²

1. O Conselheiro Acácio presente nos jornais é o mesmo que figura no romance de Eça de Queirós?
2. Quais os processos de *figuração* e *refiguração* que intervieram na constituição da personagem?
3. Quais significados a personagem ganha ao ser deslocado do meio literário?

Partimos da hipótese de que haja uma *figuração* minimamente coerente do Conselheiro Acácio no

2 Meu questionamento foi baseado neste trecho do texto de Carlos Reis: “têm as personagens vida para além dos limites (limites artificiais e porosos, é certo) do universo ficcional? Podemos falar a esse respeito de uma *sobrevida* das personagens? E se for o caso, em que medida essa *sobrevida* vai além dos atos interpretativos de uma leitura convencional que *concretiza* o texto? Avançando um pouco mais: até que ponto outros meios (outros *media*, pois então), que não o texto verbal escrito, contribuem para a tal *sobrevida*? E como aceitamos essas derivas transverbais e transliterárias, no cinema, na banda desenhada, na televisão, nos videogames, etc.? Trata-se das *mesmas* personagens? Que processos de *figuração* e de *refiguração* intervêm na constituição de uma personagem e, derivadamente, na afirmação da sua *sobrevida*?” (2018, p. 119).

conjunto de citações recolhidas dos periódicos, mesmo que não haja necessariamente um desejo de unidade, pois tratam-se de diversos autores e veículos variados da imprensa, cuja coincidência é a presença dessa personagem queirosiana. Nesse sentido, não se trata de uma transcodificação, mas de uma apropriação, que terá seus próprios processos de resignificação.

2. Características físicas e comportamentais do Conselheiro Acácio no romance

Antes de apresentar efetivamente as ocorrências do Conselheiro Acácio nos periódicos, parece necessário retomar alguns pontos fundamentais de sua presença literária. Nesse caso, sua presença física possui certas características que o singularizam, pois trata-se de um homem magro, alto, careca e de óculos escuros. Podemos verificar sua descrição pelas palavras do próprio autor:

Era muito alto, vestia todo de preto, trazia o pescoço entalado n'um collarinho direito. Era magro. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até á calva vasta, polida, um pouco achatada no alto; tingia os cabellos que d'uma orelha á outra lhe faziam colar por traz da nuca – e aquelle preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho a calva. Mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, arredondado, cahindo aos cantos da bocca. Era pallido, muito barbeado; nunca tirava as lunetas escuras. E as suas orelhas grandes sahiam muito despegadas do craneo (QUEIROZ, 1878, p. 47).

Por outro lado, o modo de agir ajuda a constituir a personagem, diríamos mesmo que, neste caso, seu agir ganha mais importância, em alguns momentos, do que sua figuração física, pois boa parte de sua ação está relacionada ao seu discurso sempre complacente e familiar ou, mais do que isso, “Acácio é um repositório das ‘ideias feitas’ da doxa político-cultural do seu tempo” (VILELA, 2013, p. 71), como verifica Ana Luísa Vilela. Essas características foram adequadas e sintetizadas quando essa personagem aparece nos jornais cariocas.

3. Os jornais

O primo Basílio é anunciado no *Jornal do Commercio* em 16 de março de 1878 e, alguns dias depois, em 25 de março, a *Gazeta de Notícias* replica a resenha de Ramalho Ortigão, que já havia sido publicada em 22 de fevereiro, em Portugal (Cf. NASCIMENTO, 2008). Contudo, o livro ganha maior notoriedade a partir de 16 de abril do mesmo ano, quando surge a primeira parte da crítica de Machado de Assis no diário *O Cruzeiro* e instaura-se uma polêmica sobre o romance na imprensa carioca. É nesse cenário que surgem as primeiras menções ao Conselheiro Acácio nas páginas do *Jornal do Commercio* e da *Gazeta de Notícias*. *O Paiz* seria lançado somente em 1884.

O *Jornal do Commercio* integra a imprensa carioca desde 1º de outubro de 1827, fundado por Pierre

René François Plancher de La Noé, bonapartista convicto. No final da década de 1880, esse periódico era considerado como o mais importante da capital brasileira, ao lado da *Gazeta de Notícias*. Neste momento, possuía um viés monarquista, seguindo a ideologia do proprietário, Júlio Constâncio de Villeneuve – viés que seria abandonado aos poucos com a proclamação da República em 1889 e da aquisição do jornal por José Carlos Rodrigues.

Há certa contraposição entre o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Notícias*, pois, se havia uma visão do primeiro como conservador, monarquista e elitista, o segundo era percebido como liberal, popular e barato (SODRÉ, 1999, p. 224). Fundado em 2 de agosto de 1875, por José Ferreira de Sousa Araújo, surge com uma proposta de luta pela abolição da escravatura e da proclamação da República.

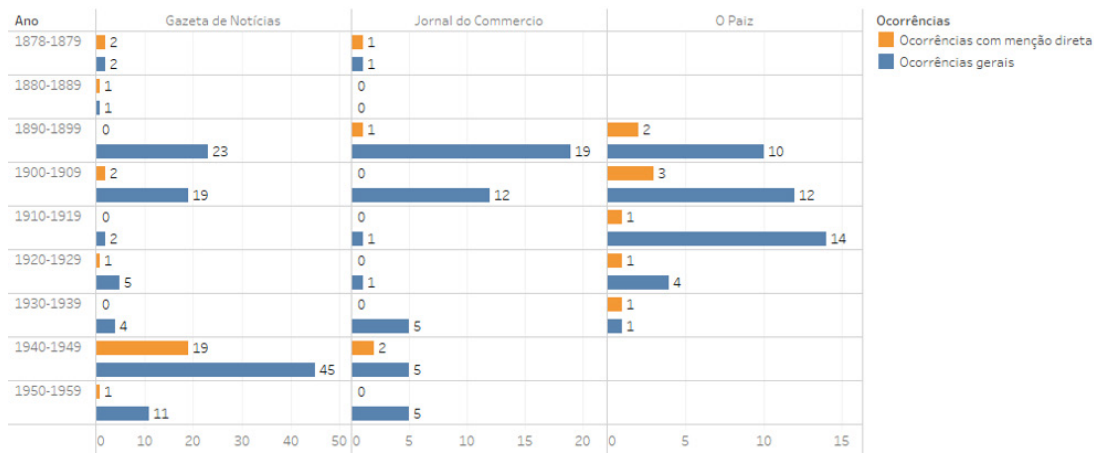
O mais recente dos três periódicos elencados nessa análise é *O Paiz*, fundado em 1º de outubro de 1884, por João José dos Reis Júnior, sua linha editorial se aproxima da *Gazeta de Notícias*, pois também se definia dentro do campo abolicionista e republicano.

Tendo em vista essa breve apresentação dos veículos de publicação e suas propostas editoriais, podemos nos aproximar dos dados levantados sobre as ocorrências do Conselheiro Acácio nas páginas desses jornais.

4. As ocorrências

Foi efetuado um levantamento que engloba a curva cronológica que vai de 1878 a 1959, nesse período, verificamos as ocorrências do termo “Conselheiro Acácio”. No primeiro momento, o levantamento pautou-se em contabilizar as ocorrências totais e, em um segundo, em diferenciar ocorrências que mencionavam *O primo Basílio* ou Eça de Queirós, das que somente traziam o nome da personagem sem referenciar o livro ou seu autor. As ocorrências gerais ao Conselheiro Acácio estão representadas pelas barras azuis e as ocorrências da personagem no contexto do próprio romance pelas barras laranjas. Assim, podemos ter uma ideia da presença dessa personagem nesses jornais cariocas através do Gráfico 1:

Ocorrências do termo "Conselheiro Acácio" nos jornais cariocas



Gazeta de Notícias, Jornal do Commercio e O Paiz para cada ocorrência dividido por Ano. A cor mostra detalhes das ocorrências.

Gráfico 1

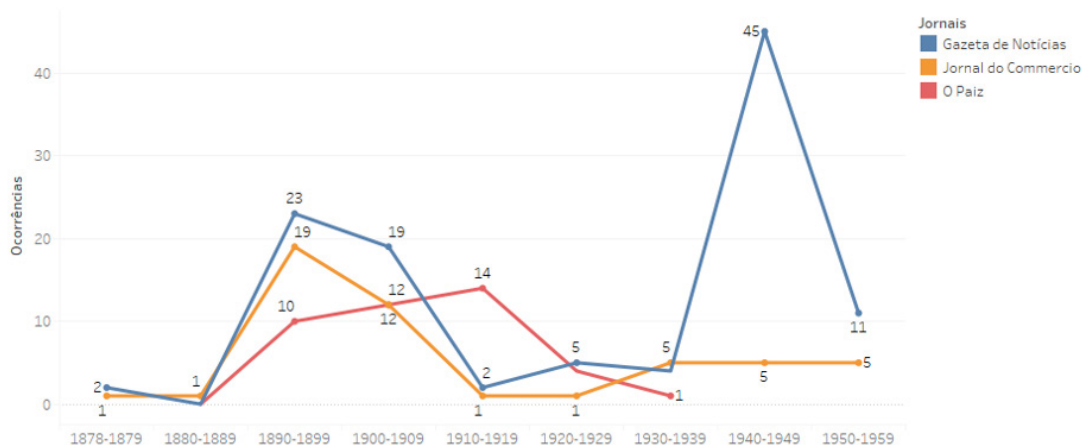
Deste gráfico, constata-se claramente o aumento das ocorrências gerais e o afastamento do romance por parte da personagem. Assim, podemos perceber como no período de 1878 a 1889, temos somente 4 ocorrências e todas relacionadas diretamente ao romance. Por outro lado, na década seguinte, parece que a personagem começa a ganhar autonomia e a surgir desvinculada do livro de Eça de Queirós, já que podemos perceber o aumento substantivo das ocorrências, 52 nessa década, e dessas, somente 3 referiam-se diretamente ao romance.

Por seu turno, o próximo período representa um decréscimo das ocorrências, pois se na década de 1900-1909 encontramos certa manutenção das ocorrências da década anterior, 43 no total, percebemos que ela passa a cair bruscamente nas décadas seguintes. Contudo, é possível notar que o afastamento entre a personagem e o romance se mantém como tendência.

No último período, surpreendentemente a tendência de queda é revertida, pois, na década de 1940, há um vertiginoso aumento nas ocorrências e uma nova reaproximação entre a personagem e o romance.

As oscilações das ocorrências estão retratadas no Gráfico 2, em que podemos perceber claramente as tendências mencionadas acima.

Ocorrências do termo "Conselheiro Acácio" no jornais do Rio de Janeiro



Varição das ocorrências co termo "Conselheiro Acácio" através dos anos.

Gráfico 2

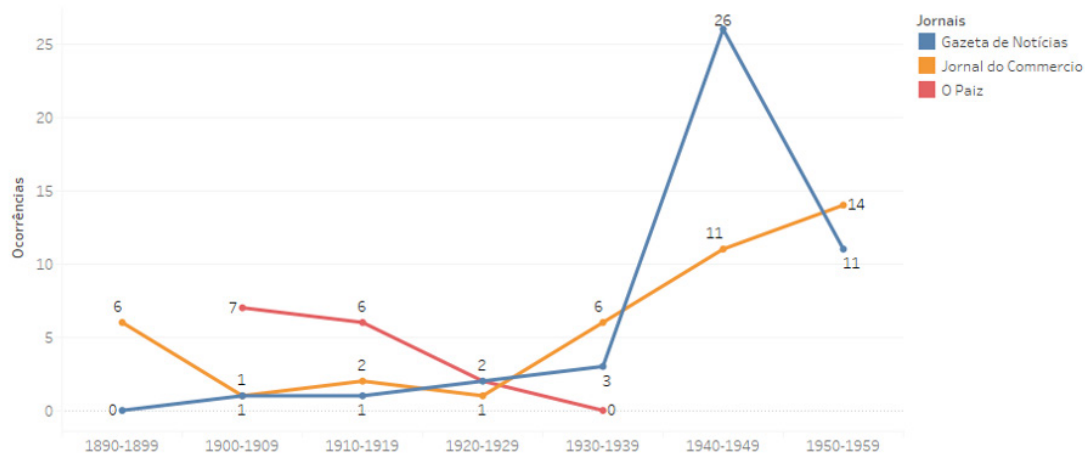
As linhas expressam a totalidade das ocorrências gerais do termo “Conselheiro Acácio”. Neste gráfico podemos perceber dois momentos de maior concentração: o primeiro entre 1890 e 1919, com diferentes tendências entre os jornais; o segundo na década de 1940, em que as ocorrências estão concentradas na *Gazeta de Notícias*.

Outro dado se fez relevante durante a pesquisa, as ocorrências do termo acaciano, ou derivados do nome Acácio, o que reforçaria a autonomia dessa personagem, pois sua adjetivação configura uma das formas de afastamento entre ela e o romance. Carlos Reis chama atenção para a “naturalização” da personagem, em que haveria uma “espécie de disseminação da *figura ficcional* no nosso viver e no nosso agir empíricos, em mundo real, quando em alguém notamos propriedades *quixotescas, edipianas* ou *bovaristas*” (REIS, 2005, p. 137). Acácio é um exemplo desse processo, seja pelo adjetivo dicionarizado “acaciano”, seja pela relação com o termo “conselheiral”.³

Assim, esse grau a mais de autonomização da personagem está representado no Gráfico 3. Sua primeira ocorrência se dá em 31 de outubro de 1897 no *Jornal do Commercio*. Contudo, o número de ocorrências somente ganhará vulto a partir da década 1940, como podemos verificar no Gráfico 3.

3 Utilizo somente os termos referentes ao nome Acácio, abs-
tendo-me dos termos ligados a conselheiro, pois o termo conse-
lheiral poderia gerar ambiguidade no levantamento de dados.

Ocorrências do termo "acaciano" nos jornais do Rio de Janeiro



Varição das ocorrências do termo "acaciano" ao longo dos anos.

Gráfico 3

5. Autonomização da personagem nos jornais

Para termos uma ideia de como se dão as ocorrências nos jornais, elencamos alguns exemplos para demonstrar como as formas de figuração e refiguração emergem nesses jornais.

As primeiras ocorrências relacionadas diretamente ao romance são encontradas no período entre 1878 e 1889 e estão presentes em textos especializados como a resenha crítica de Ramalho Ortigão sobre *O primo Basílio*, publicada em 25 de março de 1878, um anúncio da adaptação teatral do romance, de 17 de maio de 1878, e uma menção à personagem em uma crônica de 10 de março de 1883, todos publicados na *Gazeta de Notícias*. Destaco ainda uma resenha crítica assinada por Guerra Junqueiro, publicada no *Jornal do Commercio* de 20 de abril de 1878. Nesse sentido, podemos afirmar que ainda não havia autonomia dessa personagem em relação ao romance, que viria a ser efetuada somente na década de 1890. Contudo, devo destacar que o anúncio da adaptação teatral já carrega uma refiguração da personagem, que é bastante recente em relação à publicação do romance, como era comum naquele período.

A autonomização da personagem é sentida na década de noventa, quando Acácio passa a figurar como personagem de anedotas, como autor de alguns chistes e, até mesmo, de uma ou outra coluna. Nessas refigurações ficam patentes as características de sua

conversação repleta de ideias feitas. Destacamos três momentos, um em cada veículo de comunicação, para exemplificar esse aspecto:

1. *O Paiz* de 12 de fevereiro de 1895 (ressaltamos, neste caso, a presença de um sobrenome, Viegas, referenciando, provavelmente, uma pessoa conhecida publicamente, procedimento que acontece também em outras citações):

O conselheiro Acacio Viegas assiste a um banquete de nupcias. Na ocasião dos brindes, disse S. Ex.

– Bebo á saúde do noivo, desejando que possa repetir muitas vezes esta festa! (O PAIZ, 1895, p. 2)

2. *Gazeta de Notícias* de 28 de julho de 1896:

O conselheiro Acacio chega tarde ao theatro, onde se representa uma peça em cinco actos.

– Em que altura está o espectáculo?

– Já se representaram dous actos.

– E quaes foram? (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1896, p. 3)

3. *Jornal do Commercio* de 6 de abril de 1899, texto assinado como Conselheiro Acácio:

Não póde ser! É preciso acabar este testamento com alguma cousa profunda, que mostre aos vindouros o quanto eu vali em vida. Aqui vai, pois, um pensamento que é genuinamente meu:

– A morte é a suspensão da vida!

Disse! (JORNAL DO COMMERCIO, 1899, p. 4)

Nesses três exemplos de refiguração do Conselheiro Acácio podemos perceber o reforço de sua expressão através de ideias feitas, ampliando o efeito e fazendo com que as falas da personagem soem como estúpidas, afastando-se um pouco do romance, em que Acácio busca ocupar um espaço fora das polêmicas, com gravidade, mesmo que isso venha a constituir uma face cômica da narrativa.

No terceiro exemplo, encontramos uma caracterização mais próxima da personagem do romance. O texto inteiro, intitulado *Testamento do Conselheiro Acacio*, é um documento de sua sobrevida e se aproveita de algumas de suas características, adequando-as à situação brasileira. Por exemplo, o local de seu nascimento é dado como Itaboraí, demonstrando sua aclimatação e uma possível referência a alguma personalidade local. Seu despregamento do romance, através de uma narrativa diversa da de *O primo Basílio*, se aproveita dos momentos da história do Brasil como marcas de sua biografia, incluindo sua participação, ao lado de Quintino Bocaiúva, na proclamação da República. Tudo isso, claro através de uma linguagem que se aproveita dos lugares comuns e das falas óbvias, tais como: “as neves que na frente se acumulão acabão por cair no coração” (JORNAL DO COMMERCIO, 1999, p. 4). Tal frase é resgatada de *O primo Basílio*, onde ocorre na forma de dois versos: “As neves que na frente se acumulam / Terminam por cair no coração...” (QUEIROZ, 1878, p. 46). Parafra-

seada do romance, a afirmação é atribuída ao pai do Acácio do jornal, reconstituindo, assim, sua filiação literária, porém marcadamente adequada aos moldes brasileiros.

Com a virada do século e o falecimento de Eça de Queirós, em 16 de agosto de 1900, os jornais acabam por dar espaço novamente ao autor, principalmente nos dias subsequentes à notícia de sua morte. Vemos essa tendência de modo mais claro na edição de 24 de agosto de 1900 da *Gazeta de Notícias*, que traz em sua primeira página uma homenagem ao autor. Dentro desse cenário, esperávamos encontrar um retorno da personagem ao seu lugar de origem, ou seja, Acácio retornaria ao romance, porém o que pudemos verificar foi que a tendência da década anterior se mantém. Em *O Paiz* e na *Gazeta de Notícias*, acompanhamos a mesma tendência da refiguração da personagem e de suas falas, construindo ditos jocosos. Contudo, o *Jornal do Commercio* passa a utilizar o nome do conselheiro para referir-se a seus adversários, que acusavam o periódico de ser monarquista. Em um pequeno trecho retirado da edição de 10 de abril de 1900 deste jornal, podemos ter uma ideia desse tipo de ocorrência: “Os corypheos do jornalismo do Conselheiro Acacio pretenderão nos delatar á opinião publica como monarchistas conspiradores” (1900, p. 4). Nesse caso, o nome da personagem passa a designar um modo de fazer jornalismo, que promove a naturalização da personagem no sentido proposto por Carlos Reis.

Tal apropriação parece tornar-se possível pela ligação entre Acácio e o formalismo oficial (QUEIRÓS, 1983, I, p. 134), como indicado por Eça de Queirós em carta a Teófilo Braga, inserindo a personagem no ambiente político português do século XIX.⁴ Seguindo esse padrão, suas características são adaptadas ao contexto brasileiro e utilizadas como meio de designação de figuras públicas que realizavam um jornalismo de viés oficial.

No período de 1910 a 1939 observamos uma queda nas ocorrências, que serão retomadas na década de 1940, aumento representado principalmente pela *Gazeta de Notícias*, que apresenta 45 ocorrências nesse período, sendo 19 relacionadas diretamente a *O primo Basílio* ou a Eça de Queirós. Essas ocorrências são motivadas pelo centenário de nascimento do escritor, concentradas no ano de 1945, quando encontramos a maior parte das ocorrências que estão diretamente relacionadas ao romance, mas também pela utilização de Conselheiro Acácio como designação de uma fala banal e sem interesse, como encontramos em uma pequena passagem que explica, de certa forma, esse uso da personagem: “Talvez essas observações possam parecer coisas do conselheiro Acácio já

4 Lembro aqui da análise de Maria Moura Ferreira sobre o Conselheiro Acácio: “A fragilidade da sua identidade social desagua, nestes termos, numa postura a que, dificilmente, é reconhecida competência, imagem da debilidade maior que passa a elite administrativa da Regeneração e que a converte num elemento de obstaculização permanente a todo e qualquer ensejo modernizador acalentado” (2007, p. 198).

que são verdades evidentes” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1849, p. 16).

A relação metafórica compõe outro processo de autonomização da personagem. Se, em alguns momentos, o nome Conselheiro Acácio torna-se sinônimo de fala óbvia, como vimos logo acima, seu nome já havia surgido no vocabulário da imprensa como forma de adjetivação a um modo convencional de falar e agir.

6. A naturalização: o termo “acaciano”

Como já mencionado anteriormente, o termo “acaciano” ocorre pela primeira vez em nosso levantamento em 31 de outubro de 1897 no *Jornal do Comercio*. Verificamos uma curva descendente quando olhamos para as ocorrências de *O Paiz*, no período de 1900 a 1929, porém, vemos o contrário no *Jornal do Commercio* e na *Gazeta de Notícias*, em que, a partir da década de 1930, notamos uma tendência de aumento do uso do adjetivo (ver Gráfico 3).

Fugindo um pouco de uma exposição cansativa de todas as ocorrências desse termo nos jornais cariocas, oferecemos uma pequena recolha, para que possamos ter uma ideia de seus modos de uso:

- “É o que vale o Sr. Campos Salles: a conformidade da opinião **acaciana** e a gravidade da crise nacional. Acácio DUVIDA que o Brasil tenha, em qualquer tempo, enfrentado crise mais

- grave que a atual” (JORNAL DO COMMERCIO, 1899a, p. 5, destaque nosso)
- “[...] mas no senado, que merecia outr’ora o cognome de Siberia Politica, pela idade e pela compostura **acaciana** de seus membros” (O PAIZ, 1908, p. 2, destaque nosso)
 - “Luiz Dume era o que os homens graves chamam, com **acaciano** desdém, um poeta” (O PAIZ, 1918, p. 4, destaque nosso)
 - “O som dirige-se ao ouvido. Este verismo **acaciano** está acima de qualquer contestação” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1941, p. 7, destaque nosso)
 - “São numerosos os Conselheiros Acácio do Palácio Tiradentes; mas nenhum tão **acaciano**, tão pródigo de sentenças ôcas e de lugares-comuns” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1950, p. 1, destaque nosso)
 - “[...] a **acaciana** declaração de que o voto secreto é secreto” (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1950a, p. 3, destaque nosso)
 - “Mestre da banalidade convencida, invencível na pachequice, **acaciano** de carreira [...]” (JORNAL DO COMMERCIO, 1951, p. 4, grifos nosso)

Podemos perceber que o adjetivo formado através do nome próprio da personagem torna-se designativo de obviedades, seja na expressão oral ou escrita, seja no modo de agir. Contudo, para além da forma

mais recorrente com a sufixo “ano” na formação do adjetivo, há uma ocorrência que foge a essa regra, trata-se do termo “acacice”, encontrado na edição de 1º de janeiro de 1901:

A raça dos *La Palisse* – que, transplantados para esta lado da America, dão pelo doce nome de Conselheiro Acacio – é inextinguível e o mais curioso é que os mais sábios e illustres têm os seus momentos de **accacice** aguda. (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1901, p. 2, grifo nosso)

Bem, as ocorrências levantadas demonstraram haver, em um primeiro momento, uma autonomização da personagem em relação ao romance e, além disso, essa figura ficcional acaba por disseminar-se em nossa vida, em nossa prática cotidiana, através de uma formação vocabular que viria a ser dicionarizada.

6. Iconografia

Há, em menor número, uma transcodificação do Conselheiro Acácio que surge em interpretações iconográficas em quatro ocasiões. A *Gazeta de Notícias* é o periódico que se destaca nesse aspecto, pois todas as ocorrências encontram-se em suas páginas. Nesse sentido, devemos destacar que desde de a fundação desse jornal a iconografia foi parte constituinte de sua identidade, portanto não é de se estranhar que as imagens dessa personagem estejam presentes justamente em suas páginas.

A primeira vez que nos deparamos com uma representação iconográfica do Conselheiro Acácio foi no número de 24 de agosto de 1900. Como parte da homenagem à Eça de Queirós, a primeira página apresenta um quadro com algumas personagens de *O primo Basílio*, entre elas Acácio (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1900, p. 1):



Imagem 1, Conselheiro Acácio em destaque

Comum entre as ocorrências encontradas em nosso levantamento, o ilustrador busca reportar-se à descrição do romance, representando aspectos relevantes de sua imagem física, como podemos notar na Imagem 1, característica que se mantém nas imagens

2 e 3 abaixo, publicadas em 2 e 16 de dezembro de 1945, respectivamente:



Palavras do Conselheiro Acácio.
— Concededor por graça de São Mateus e doído por débito deus glirion
Imortal, eu ergo a minha mão, imachordado de jereze gratidão, a brasileiros
e portugueses, para brindar à nossa perfeita e eterna comunhão!
Tinho 2000, (De HICCO)

Imagem 2



O Conselheiro Acácio

Imagem 3

Temos dois modos diferentes de se representar o Conselheiro Acácio. Assim, podemos perceber que ambos buscam inspiração na descrição física presente no livro: a careca um pouco achatada no alto, os óculos escuros, o bigode caindo pela boca, o pescoço entalado no colarinho, a diferença entre o preto dos cabelos e o grisalho do bigode. Talvez um ponto de divergência sejam as orelhas, descritas como “despegadas do crânio”, não estão marcadamente representadas pelo desenho de 1900, mas surgem mais visíveis no de 1945. Outro ponto que não é possível verificar-

mos na Imagem 1, mas que fica evidente nas Imagens 2 e 3, é a altura de Acácio, pois quando olhamos para a Imagem 3 percebemos o ângulo das pernas quando está sentado, demonstrando certa desproporção entre o móvel e a personagem.

Chama atenção a Imagem 2, pois apresenta uma legenda mais extensa do que as outras, que se limitavam a apresentar o nome da personagem. Nela podemos ler:

“Palavras do Conselheiro Acacio:

– Comendador por graça de Suas Majestades e órfão por óbito dêsse glorioso Imortal, eu ergo a minha taça, transbordante de perene gratidão, a brasileiros e portugueses, para brindar à nossa perfeita e eterna consanguinidade!

Tenho dito. (De Hugo) (GAZETA DE NOTÍCIAS, 1945, p. 1)

O texto parentético deixa claro que as palavras não são retiradas do romance, mas de autoria de um certo Hugo. Na página inteira, onde está colocada a imagem, vemos ao alto, logo abaixo do título do jornal, o nome do autor em maiúsculas: “EÇA DE QUEIROZ”. A Imagem 2 foi publicada no suplemento da edição de 14 de dezembro de 1945, ocupando o lado direito da página e, ao seu lado esquerdo, encontramos uma caricatura de Eça de Queirós feita por Rafael Bordalo Pinheiro, como se estivesse interagindo com o Conselheiro Acácio (Anexo I). Assim, ao mesmo tempo que nos é lembrada a relação entre o autor e sua perso-

nagem, sugere um diálogo, que viria a colocá-los no mesmo patamar de representação. Contudo, o texto que acompanha a Imagem 2 serve de lembrete da autonomização da personagem, pois, ao escolher uma legenda despregada do romance, demonstra que Acácio sobrevive para além do espaço de *O primo Basílio*.

Essa proposição está melhor apresentada na última imagem 4, publicada no suplemento comemorativo do centenário de nascimento do autor, porém em um número anterior do jornal, 2 de dezembro de 1945.



Eça admirando sua melhor criação literária: o Conselheiro Acácio!

Imagem 4

Com a legenda “Eça admirando sua melhor criação literária: o Conselheiro Acácio!”, essa imagem traduz a autonomização da personagem. Nessa representação, vemos a diferença do tamanho entre autor e personagem, sugerindo que Acácio tenha superado seu criador. Por outro lado, devemos notar que o aspecto físico é muito próximo do que está presente no romance, criando uma continuidade entre a criação de Eça de Queirós e a sobrevida do Conselheiro Acácio. Ainda podemos perceber que o espaço em que estão inseridos pode ser interpretado como um ateliê. Neste local, a figura do autor parece demonstrar algum movimento. Notem como estão postas as mãos como se comentasse. De outro modo, a figura da personagem parece estática, sua postura ereta e a forma como suas mãos estão dispostas lembram a de uma estátua. Assim, podemos supor que essa imagem encene o alcance do Conselheiro Acácio e como ela ganha certa autonomia sobre o autor, porém não despreza a ligação entre criador e criatura.

7. Sobrevivência do Conselheiro

O Conselheiro Acácio ocupa um espaço bastante específico no imaginário do período abordado. Trata-se de uma personagem que, em um primeiro momento, representa falas óbvias que ganham um tom jocoso, mas que logo passa a ser utilizada como designação de falas vazias em debates da imprensa, ga-

nhando espaço no uso da língua por meio da adjetivação. Esse processo demonstra como essa personagem migrou do mundo ficcional para o mundo real (REIS, 2018, p. 134).

Ainda que a figuração de Acácio não esteja mais tão presente em nosso dia a dia, algumas figuras apresentam características que nos fazem lembrar da personagem queirosiana. Dentre elas podemos destacar a figura de Jânio Quadros com suas falas óbvias, no campo das pessoas públicas, e Giovanni Improtta com seus ditos improváveis, personagem vivido por José Wilker na novela *Senhora do destino*, no campo de personagens ficcionais. Enfim, podemos imaginar que o Conselheiro Acácio definitivamente ainda esteja por aí, em terras brasileiras.

Referências

- FERREIRA, Fátima Moura. O Portugal dos “Acácios”: o conselheiro do constitucionalismo monárquico. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, v. 28, p. 195-221, 2007. DOI: 10.14195/2183-8925_28_9. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/41625>>. Acesso em: 8 abr. 2020.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 3, 28 jul. 1896.
- GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 1, 24 ago. 1900.
- GAZETA DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, p. 2, 1 de janeiro de 1901.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 7, 27 abr. 1941.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 4, 25 nov. 1945.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 1, 2 dez. 1945a.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 1, 16 dez. 1945b.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 16, 29 nov. 1949.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 1, 9 ago. 1950.
- GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, p. 3, 22 ago. 1950^a.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, p. 4, 6 abr. 1899.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, p. 5, 23 set. 1899a.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, p. 4, 10 abr. 1900.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, p. 4, 11 jan. 1951.
- MATOS, A. Campos (org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1988.
- MONTEIRO, Ofélia de Paiva. *Parâmetros para a avaliação da personagem*. 2015. Disponível em: <https://figurasdaficcao.wordpress.com/>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- NASCIMENTO, José Leonardo Do. *O primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX: estética e história*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- O PAIZ*. Rio de Janeiro, p. 2, 12 fev. 1895.
- QUEIRÓS, Eça De. *Correspondência*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- QUEIROZ, Eça De. *O primo Basílio*. Porto/ Braga: Livraria Internacional de Ernesto e Eugenio Chardron, 1878.

REIS, Carlos. Ad usum fabulae: a ficção da personagem. *Boletín Galego de Literatura*, [S. l.], n. 34, p. 131–146, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=3928&info=open_link_revista>. Acesso em: 23 mar. 2019.

REIS, Carlos. *Pessoas de livro. Estudos sobre a personagem*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILELA, Ana Luísa. Cortesias acacias: ironia e boas-maneiras. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 67–76, 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

SUPLEMENTO GAZETA DE NOTÍCIAS CIÊNCIAS ARTES LETRAS

25 de novembro de 1945 EÇA DE QUEIROZ 25 de novembro de 1945

Ainda o centenário do escritor português mais lido e festejado no Brasil EÇA E SEUS TIPOS Eco das Comemorações



ECEN, no entanto, a sua obra de maior importância... A obra de Eça, embora ao todo simples, não é obra de força...

Mensagem simbolista e espiritualista "Em 1888, no lido de Antero de Quental, Eça de Queiroz, com a Correspondência de Profrige Mendes, lança sua primeira mensagem simbolista e espiritualista..."

Eco das Comemorações



Plano de Camélio Amato... Eça de Queiroz, seu assistente de Rafael Bualdo...

Leão de Queiroz. Não se esqueça a importância da obra de Eça de Queiroz...